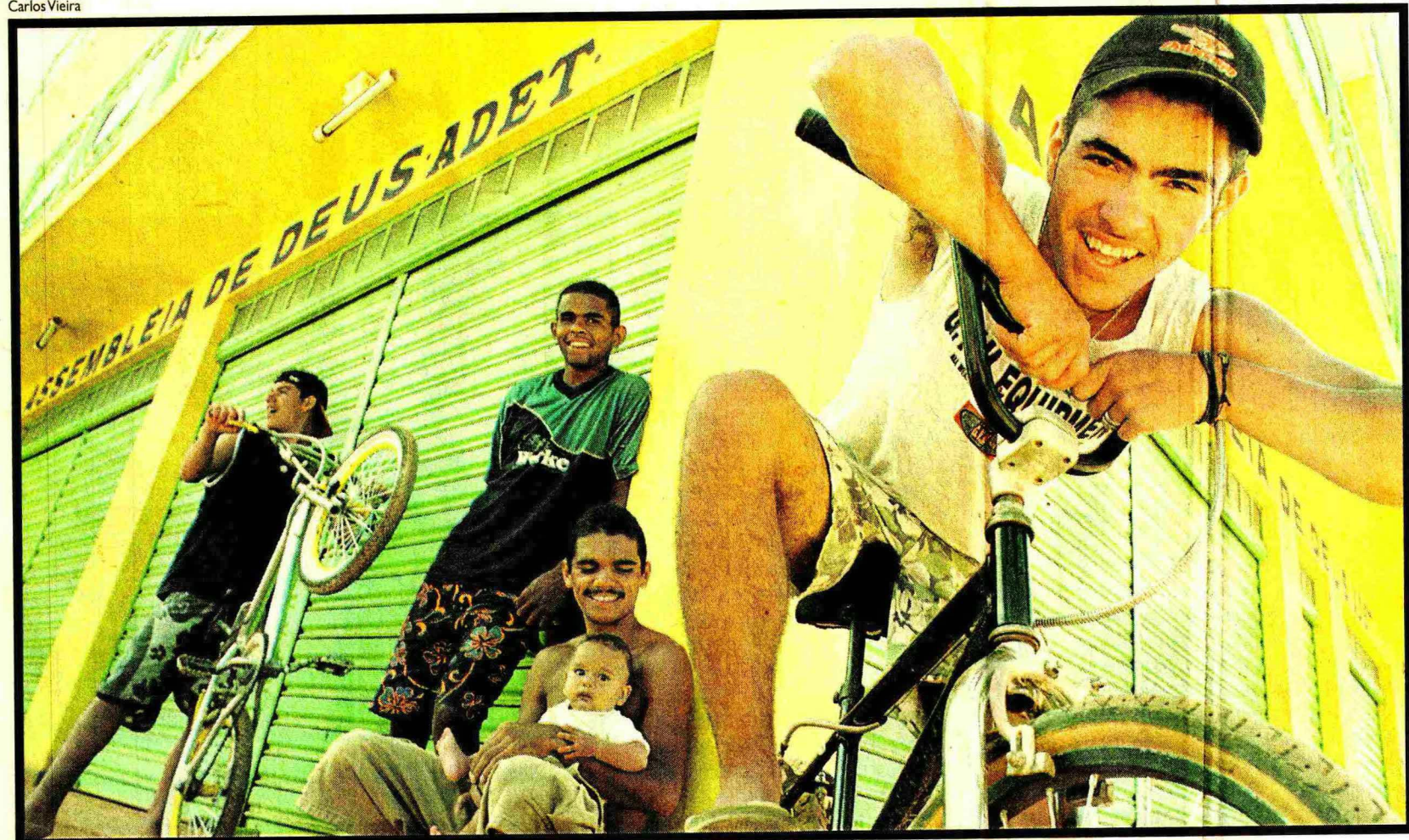




A TURMA DE RENATO MELO (AO FUNDO) NUNCA CONSEGUE USAR A QUADRA PRÓXIMA DE CASA, NO RIACHO FUNDO II: “É MUITA GENTE QUERENDO JOGAR”

Espaço mal aproveitado

A fartura de áreas de lazer, por si só, não elimina o ócio dos jovens e o envolvimento deles com delitos, o consumo de drogas e bebidas alcoólicas. Brasília, por exemplo, é a cidade do DF com o maior número de espaços destinados a atividades de esporte, cultura e lazer. Nem por isso os jovens da Asa Sul e da Asa Norte escapam do ócio ou da violência.

Sobra tempo para pichar prédios e monumentos e cometer outras infrações. Há até uma contradição. Os espaços públicos de lazer, ociosos em áreas nobres, acabam servindo de ponto de encontro para as turmas e palco de violência urbana.

Essa relação é a conclusão da tese de mestrado que Shaiane Vargas da Silveira defendeu no mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). “Não adianta ter uma quantidade boa de áreas de lazer se não houver atividades programadas. Os espaços acabam virando ponto de concentração de jovens para o uso de drogas.” Os dados que serviram de base à tese foram colhidos em cidades de classe média — Guará, Taguatinga, Núcleo Bandeirante e Cruzeiro.

“A carência de áreas públicas e de políticas de lazer é apenas um fator que leva à violência”, defende o sociólogo Túlio Kahn, do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e o Tratamento do Delinqüente (Ilanud). “Se não houver bons projetos, os espaços de lazer acabam virando motivo de briga.” É o que costuma ocorrer na periferia, onde são raras as quadras

de esporte e outras opções de diversão.

Os jovens do Riacho Fundo e de Santa Maria conhecem bem esses conflitos. Sem cinema, teatro, clubes e parques, só restam a eles poucas quadras de esporte e os campinhos de terra. “- Aqui, a gente acorda mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada”, ironiza Paulo Sérgio Rodrigues, do Riacho Fundo II. O adolescente de 18 anos parou de estudar na 7ª série. Dia sim, dia não, trabalha como cobrador de ônibus.

CONVERSA NA ESQUINA

As esquinas das ruas são o ponto de encontro. A diversão. “À noite, a gente costuma fazer uma fogueira e fica conversando até de madrugada”, conta Renato de Melo, 17 anos, no penúltimo ano do ensino médio. Tudo que ele e a turma de amigos da QN7-C, no Riacho Fundo II, queriam era poder usar, nos finais de semana, a quadra de esportes da escola — o Centro de Ensino 1. É que as três quadras de esportes públicas são disputadíssimas e dominadas pelas galeras.

Na QN8-A há uma dessas quadras. Fica perto da casa de Renato, mas ele não consegue usá-la. “Toda vez que a gente vai lá tem de voltar. É muita gente querendo jogar”, lamenta o estudante. É por isso que ele e os amigos queriam usar a quadra da escola. Uma boa idéia, na opinião de especialistas. A Unesco, por exemplo, utiliza a infraestrutura das escolas para executar o programa *Abrindo Espaços Educacionais e Culturais para a*

Paz, destinado a jovens de 12 a 24 anos.

“Não é difícil encontrar jovens da periferia que nunca foram ao teatro, cinema ou tiveram a chance de aprender a tocar violão”, diz a coordenadora de Desenvolvimento Social da Unesco, Marlova Noieto. Essa é a triste realidade dos jovens de Santa Maria. Cinema perto, só pegando ônibus até o Gama, cidade mais próxima. “Nem parquinho para as crianças tem”, reclama Maria de Fátima Macedo, 26 anos. Samuel, 6, só se diverte no balanço ou no escorregador quando a mãe o leva ao Parque da Cidade, no Plano Piloto.

Até paquerar é difícil. À noite é perigosa e o único ponto de pagode e de samba fechou por causas das brigas e confusões. A saída é a igreja. “É o único lugar seguro e onde tem meninas”, explica Renato Rodrigues de Oliveira, 17. Depois da missa de domingo, na Igreja Santa Mãe de Deus, os jovens aproveitam para conversar e namorar na lanchonete do Afonso, na QR 317 de Santa Maria.

Nas comunidades mais pobres, ver TV, ouvir música e ir à casa dos amigos são, nessa ordem, as principais formas que os jovens encontram para ocupar o tempo livre. “Não faz sentido deixar as escolas fechadas no fim de semana. Lá estão a biblioteca, a quadra de esporte e o auditório. É espaço para o futebol, a leitura, o ensaio da banda”, diz o deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB), que tem projeto de lei tramitando na Câmara Legislativa autorizando a abertura das escolas públicas aos sábados e domingos.

APROVEITE AS OPÇÕES

GERAÇÃO CAMPEÃ

■ Criado em abril de 2001. O objetivo é descobrir talentos no esporte. O programa atende a 140 alunos de escolas públicas, da 5ª série ao último ano do ensino médio. O treinamento é no Centro Interescolar de Educação Física (Cief), na 907/908 Sul. Os alunos que participam do programa freqüentam os centros de Iniciação Esportiva que funcionam nas cidades e são indicados pelos professores.

ESPORTE TOTAL

■ Começou em 1999, em Planaltina. O objetivo era diminuir a violência entre os jovens da cidade depois das aulas à noite. O programa tinha o nome de Esporte à Meia-Noite. Hoje, atende a mil alunos de 14 a 21 anos e passará a funcionar o dia todo, das 8h à meia-noite. Além de esporte, os alunos terão cursos de artes plásticas. No último ano da escola, o aluno será beneficiado pelo projeto Meu Primeiro Emprego e receberá bolsa de um salário-mínimo para trabalhar na comunidade.

ESPORTE SOLIDÁRIO - AMIGO DA GENTE

■ É financiado com recursos do governo federal e das secretarias de Ação Social e de Esporte. Foi criado em 1997 (antigo Projeto Candanguinho) e atende 5.600 crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos. Fora do turno escolar, recebem aulas de reforço e participam de atividades desportivas e de oficinas de arte. O programa está em todas as cidades do DF — são 36 núcleos (com profissionais).

CIRCUITO DE CORRIDA DE RUA E ATLETISMO

■ Criado no ano passado, é desenvolvido em nove cidades (Paranoá, Planaltina, Ceilândia, Brazlândia, Sobradinho, Gama, Santa Maria, Cruzeiro, Guará e Riacho Fundo). É aberto ao público, a partir dos 10 anos. Uma vez por mês, sempre aos domingos, em uma cidade. Há premiação para os melhores. No final do ano, os três primeiros do masculino e do feminino recebem patrocínio da Secretaria de Esporte para participar da São Silvestre, em São Paulo. A condição é participar de todas os circuitos durante o ano.

FESTIVAL DA PAZ DE FUTSAL

■ Realizado em todas as cidades, menos Lago Sul e Lago Norte. É o quarto ano da competição. Participam jovens de 15 e 16 anos. Os melhores times das cidades competem depois, na fase final, no Complexo do Mané Garrincha, de onde sairá o campeão do Distrito Federal. Em média, participam 240 equipes; 3 mil jovens. As inscrições são feitas nas administrações regionais, a partir de maio.

SE LIGA GALERA

■ Criado em 1997, oferece a crianças e adolescentes de Ceilândia e do Varjão oficinas criativas de xadrez, ping-pong, teatro, coral, rap, artesanato em papel, capoeira, percussão, break, DJ, cerâmica, futebol e grafite. Organiza ainda debates sobre temas escolhidos pelos próprios participantes. Beneficia cerca de 7 mil jovens. O projeto funciona por meio de parcerias com quatro escolas públicas. Os colégios fornecem a sala de aula e o programa entra com as oficinas. No Varjão, o Se Liga funciona também no fim de semana. Os investimentos do projeto vêm da Caixa Seguros.

CONSPIRAÇÃO

■ Dá aulas gratuitas de dança de rua para crianças e adolescentes de Planaltina em situação de risco. O projeto surgiu para tirar das ruas os jovens envolvidos com gangues. O Conspiração atende hoje apenas 74 adolescentes porque o espaço onde funcionava o grupo foi desativado. Atualmente, os adolescentes estão treinando para o Festival da Dança de Joinville, entre os dias 17 e 27 de julho.

PROJETÃO

■ Oferece aulas de futebol, futsal, voleibol, handebol, karatê, rappel, kick-boxing, kung-fu, jiu-jitsu, taekwondo, capoeira e ginástica rítmica e desportiva. São atendidos 4.089 crianças e adolescentes de Sobradinho, três vezes por semana. As aulas acontecem no Ginásio de Esportes, no Módulo Esportivo e no estádio Augustinho Lima. O programa é promovido pela administração da cidade.